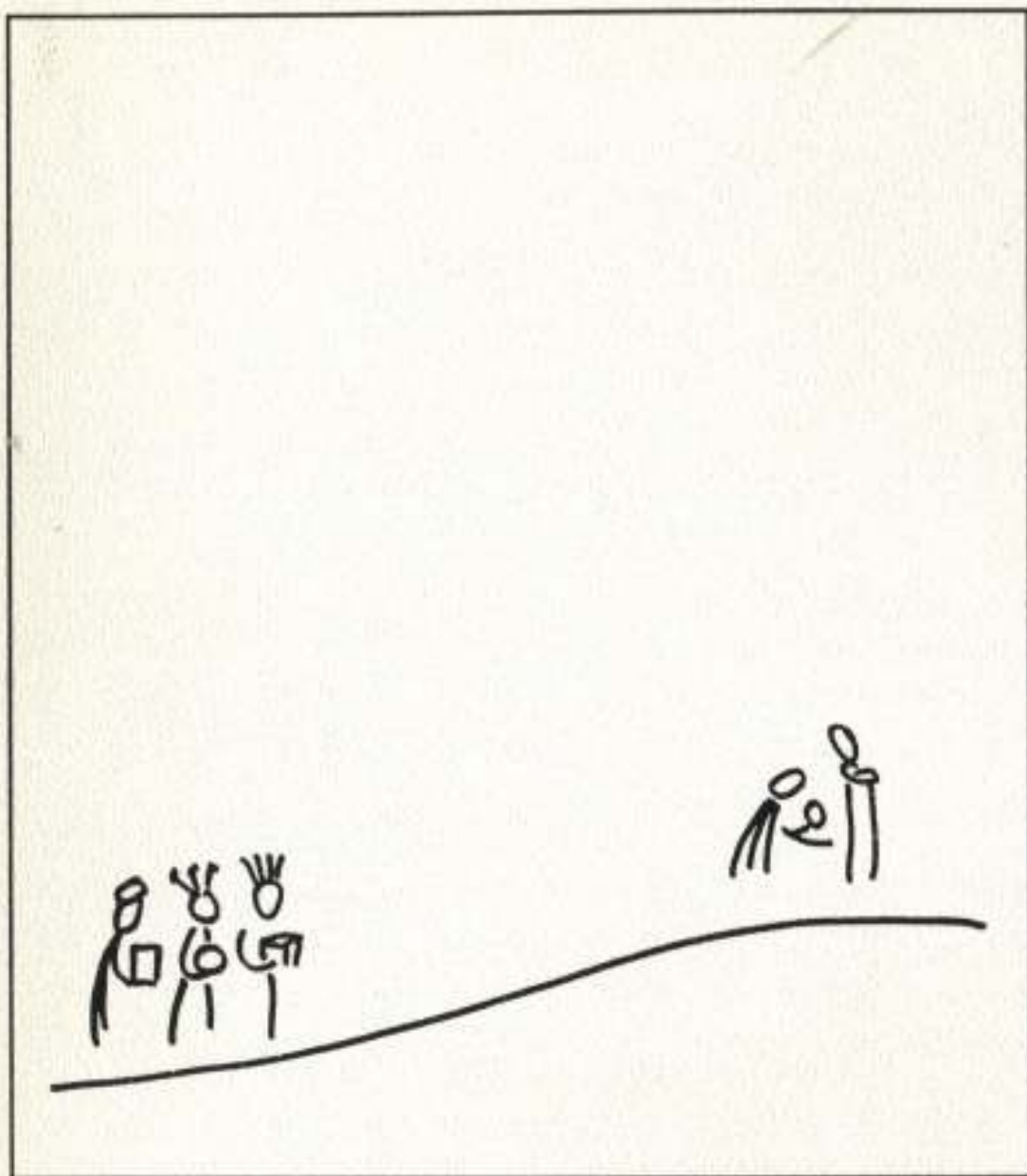


A. M. CRISTIANO CEROL



Cantares dos Reis

NATAL ALGARVIO

Cantares dos Reis

Na tradição algarvia, o primeiro gesto da quadra de Natal é o deitar das *searas*, no dia 8 de Dezembro e o último é o desarmar do Presépio, no dia 6 de Janeiro (1). Os *Cantares de Reis*, na noite do dia 5, são hoje a derradeira representação pública do mistério do nascimento do Menino, com versos que diferem essencialmente das *Janeiras*, por se centrarem agora na adoração dos Magos (2).

Ao dedicar o terceiro volume desta colecção às *Janeiras tradicionais do Algarve*, obtivemos, na mesma altura e também em Bensafirim, os *Reis* que hoje divulgamos. São cantados há mais de setenta anos pelas mesmas senhoras (3), que asseguram serem "os *Reis* que se cantam em Bensafirim há mais de 200 anos".

Os versos destes *Reis* acompanham, aqui e além, as demais versões atribuídas à tradição algarvia (4), mas as diferenças que apresentam justificam bem a sua divulgação. Só muito levemente se aproximam das *Janeiras* recolhidas na mesma freguesia e apenas a *chacota* e o *agradecimento* se mantêm praticamente iguais. É provável que também tenham tido mão do Padre Glória (5), quer pela sequência das várias quadras, quer pela diferente mensagem bíblica que encerram.

Os *Reis* têm cada vez menor número de cantores (6). No campo, quase despovoado, os velhos celeiros deram lugar às pequenas arcas congeladoras, que já não guardam a produção própria para todo o Inverno, mas uma reserva semanal comprada no hipermercado da zona (7). Na cidade, ao mesmo tempo que a *entrada do Novo Ano* passou a ser esperada nos hotéis, a Noite de Reis perdeu significado, pois o dia seguinte é de trabalho (8).

As *joldas* da cidade, formadas agora por professores, coralistas ou trabalhadores municipais, percorrem os lares de idosos (9), as casas de políticos locais e uma ou outra colectividade (10). Em meios mais pequenos, decorrem *Encontros de Janeiras*, criand, entre os grupos do Barlavento, uma tradição já antiga entre os *charoleiros* do Sotavento, mas apenas como convívio, sem qualquer despique entre os participantes (11).

Reis



(12)

Boa noite meus senhores
como passam de saúde
venho-lhes dar os Bons Reis
que as Boas Festas não pude

(13)

Dá-me licença senhora
de à sua porta cantar
ouvireis as boas novas
que eu trago para lhes dar

(14)

13 dias são passados
que o Rei dos Céus é nascido (15)
aos 8 foi circuncisado
hoje é dos reis conhecido

Já o tempo está cumprido
como Deus nos falou
em Belém era nascida
uma estrela de Jacob (16)

Santos Reis ilustrou
entretanto a religião
e logo nos encaminhou
para a nossa direcção

Os sensores do balão
fizeram-me uma porfia
S. Mateus fez a menção
ser um anjo que nos guia (17)

Não esperaram por outro dia
no mesmo instante abalaram
cada um de onde vivia
as suas cortes deixaram

Rei Belchior e Rei Gaspar
Baltazar do Oriente
vão adorar Deus Menino
Alto Deus Onnipotente

Montados em dromedários
vão com toda a bezerraria
chegaram a caminhar
quarenta léguas por dia

Cavaleiros serão aqueles
que a sombra fazem no mar
são os três Reis do Oriente
que Deus Menino vão adorar (18)

Os três Reis como eram santos
uma estrela os foi guiar
em cima de uma cabana
a estrela foi poisar (19)

A cabana era pequena
não cabiam todos três
para adorar o Deus Menino
foram um de cada vez (20)

Um menino tão pequenino
um menino de tanto saber
tudo quanto lhe perguntavam
ele sabia dizer

Os doutores lhe perguntaram
em que escola tinha aprendido
No ventre de minha Mãe
onde eu fui concebido

Novamente lhe perguntaram
em que escola tinha andado
No ventre de minha Mãe
9 meses encerrado

(21)

Senhora que está deitada
deixe-se estar que está bem
mande-nos dar a esmola
pela rosa que aí tem

(22)

Essa rosa que aí tem
dê-lhe toda a estimação
que a roseira que deu essa
dará outra sim ou não

Esta casa está bem feita
talhadinha a picão
os moradores que moram nela
Deus lhes dê a salvação

Ainda lhe canto mais outra
ao beiral do seu telhado
Deus lhes dê muita fortuna
com o que tiver semeado

Ainda lhe canto mais outra
em louvor de Santa Teresa
não canto mais nenhuma
sem ver a luz acesa

Quem tão boa esmola deu (23)
dada de tão boa mão
lá de Deus terá o pago
e da Virgem a salvação

Fique-se com Deus senhora
que eu com Deus me vou embora
Deus queira que nos vejamos
lá no Reino da Glória

Fique-se com Deus senhora
que eu com Deus me vou andando
sua casa fica em paz
e os anjos me vão guiando.

Notas

- (1) A quadra de Natal começa hoje com o pagamento do 13º mês aos funcionários públicos, conjuntamente com o salário de Novembro, por volta do dia 26, com a primeira propaganda dos hipermercados, propondo-se vender de tudo e absorver, duma assentada, esses dois meses de salário e com o envio dos primeiros cartões de Boas-Festas, pelas entidades públicas e pelas grandes empresas, logo nos primeiros dias de Dezembro, quando não é antes. A iluminação pública com decorações de Natal acende pela primeira vez ainda em Novembro e o comércio mantém-se aberto nos dias 1 e 8 de Dezembro e nas tardes de todos os sábados, também para facilitar as *compras de Natal*, fechando depois no dia 26 e no dia 2 de Janeiro.

As récitas e outras encontros de Natal deram lugar às Festas das Empresas e das Autarquias e, em vez do tradicional *Presépio*, o destaque vai agora para a *árvore de Natal*, por ser melhor suporte para os presentes comprados do que a singeleza das palhinhas de Belém.

- (2) No livro "Algarve, Tradições Musicais", editado em 1995 pelo Grupo Musical de Santa Maria, de Faro e pela Casa da Cultura António Bentes, de S. Brás de Alportel, os Padres Dr. Afonso Cunha e J. Cunha Duarte apresentam um valioso trabalho sobre os "Cantares Tradicionais do Natal", por certo o que até hoje mais recuou na procura das fontes, quer na própria tradição cristã, quer nos costumes algarvios.

O primeiro autor é investigador da Casa de Cultura António Bentes e o segundo fundador do Museu Etnográfico do Traje Algarvio, de S. Brás de Alportel, entidade que está a preparar a edição de um trabalho etnográfico sobre as tradições natalícias do Algarve e que, naquele livro, "aproveita a ocasião para fazer a divulgação de uma pequena parte da recolha etnográfica que tem vindo a ser realizada ao longo de quinze anos".

Parte deste trabalho tem sido posta ao serviço das populações, quer através de exposições que o Museu regularmente organiza e em que colabora, quer pelo sistemático apoio que os dois

incansáveis investigadores vêm prestando aos vários grupos etnográficos e de cantares e a todos os estudiosos que os procuram. O próprio Museu de S. Brás pode ser hoje considerado como o centro do conhecimento algarvio sobre a temática do Natal.

- (3) Elvira Duarte tinha apenas sete anos quando pediu à *Ti Genoveva* que lhe ensinasse estes *Reis*. Já lá vão setenta e um anos. Ainda hoje mantém o hábito de os cantar, geralmente com mais duas senhoras, desde sempre com Francisca da Costa (81 anos) e agora também com Maria Francisca Rosado (67). Quando uma não pode, convidam outra senhora para as acompanhar. Como o coro repete o mesmo refrão ou os versos cantados dois a dois pela *principiadora*, o ensaio quase se torna desnecessário.

Seu pai, António Francisco, também tinha um grupo de três elementos, mas para cantar as *Janeiras*. O grupo do pai sempre saiu a cantar na véspera de Ano Bom e o da filha na noite de Reis.

O grupo de Elvira Duarte começava por cantar no povoado e depois percorria os montes espalhados pelo campo (Telheiro, Sernada, Sernadinha, Galvanos, Pincho, Guerreiro, Vale do Lobo e Corte do Bispo).

Em 1994 e 1996 o grupo cantou também em Lagos, na Biblioteca Municipal, no decorrer dos "Encontros de 5ª Feira".

- (4) Os cantares de *Reis* mais conhecidos no Algarve têm sido recolhidos no Barrocal centro e na zona serrenha do Sotavento, devendo "remontar ao final do séc. XVII", na opinião dos irmãos Cunha (o.c. pág 60). Assim sendo — e como facilmente resulta da comparação que possamos fazer entre as estrofes de uns e de outros — os *Reis* cantados em Bensafrim serão uma versão muito própria dos versos primitivos, menos conhecida dada a situação periférica da freguesia em que são cantados.

- (5) Não poderia o texto destes *Reis* datar, na sua totalidade, de há cerca de 200 anos, pois o Padre António José Nunes da Glória foi prior da freguesia entre 1882 e 1916.

A tradição oral é, por natureza, criadora, mudando algumas palavras, quando não frases inteiras, de ano para ano, fruto do esquecimento e da imaginação do vocalista, do contacto com outros cantadores e, ainda, da maior ou menor cultura da pessoa a quem a letra é transmitida. O mesmo se passa com a música, que vai

variando com os hábitos musicais e com as capacidades vocais do *principiador*.

- (6) Embora houvesse grupos que habitualmente só cantavam as *Janeiras* e outros que só cantavam os *Reis*, muitos saíam nas duas noites, ainda que com os mesmos versos, adaptados a uma ou à outra circunstâncias. Isso permitia dar a volta por uns montes, numa noite e, na outra, a volta pelos montes do outro lado. Nos grupos da cidade, com cantadores mais novos e geralmente sabendo ler, era mais fácil mudar de versos e de música, até porque os elementos das bandas locais ou dos conjuntos de baile, eles próprios se organizavam nesse sentido.

Os garotos também saíam entoando os cânticos que aprendiam na Catequese, muitas vezes o mesmo nas duas noites. Só no refrão a letra das *Janeiras* mudava para:

*Noite de Reis, noite de amor,
és consagrada ao Redentor.*

- (7) Elvira Duarte e as senhoras do seu grupo eram geralmente acompanhadas pelo marido de uma delas, quer para se sentirem mais seguras, quer para carregar as ofertas. Lembram-se de, num ano, terem arrecadado 18 pães, chouriços, morcelas, toucinho, ovos, grão e dinheiro.

Nas casas onde não deveriam cantar, porque os proprietários estavam ausentes ou de luto, ficava um pau atravessado à porta. Este sinal só era visível quando lá chegavam, o que deixava os cantadores aborrecidos. Por vezes escondiam o pau e o grupo seguinte, sem estar avisado, acabava por cantar.

- (8) Maria Mendonça Pinto, em "Santa Bárbara de Nexe - estudo monográfico" (Loulé, 1987, pág 78) recorda que "tradicionalmente a noite que antecedia o Dia de Reis era também assinalada com os cânticos das "Janeiras", sendo a solenidade marcada com missa festiva enquanto o dia foi feriado oficial. Na actualidade apenas os concursos de "charolas" recordam o antigo dia de festa que era o Dia dos Reis".

António S. Lopes de Brito, num breve estudo monográfico sobre "Querença" (datado de 1979 e depositado na Biblioteca Distrital), ainda assinala, entre as festas tradicionais e romarias, a

Festa dos Reis (na aldeia de Tor) em 6 de Janeiro.

- (9) Nos lares da Misericórdia geralmente ainda se guarda a tradição de manter uma mesa posta com iguarias de Natal, a que, na véspera de Reis, se juntam deliciosos *pastéis de batata doce*, *filhós e fritos*, amassados, tendidos e recheados segundo as velhas receitas, ainda quentinhos, como já não se fazem em nenhum outro lugar.
- (10) Os *Cantares dos Reis* apresentados, desde 1987, pelo Grupo de Janeiras da Sociedade Filarmónica Lacobrigense 1º de Maio, têm a característica de quase todos os anos conterem letra e música novas, criadas propositadamente. Escreve as letras o estudioso Pedro Reis, natural da Luz, mas residente em Lagos há muitos anos, autor também da curiosa *Aldeia da Senhora do Forte*, localidade miniatura exposta no Museu Regional de Lagos e que foi por si próprio construída ao longo de 5.300 horas de trabalho. As músicas são criadas por João da Glória, com arranjos do maestro Manuel Lucas, ou adaptadas da tradição popular.
- (11) Eram já tradição os Encontros de Charolas, constituindo mesmo cartaz turístico de algumas localidades do Sotavento, enquanto que, no Barlavento, até o hábito de cantar de porta em porta as *Janeiras* e os *Reis* se ia perdendo.
- Terá sido o Grupo "Força da Tradição", então composto só por senhoras e só vocal, que na noite de 6 de Janeiro de 1985 cantou pela primeira vez no adro da Igreja Paroquial de Paderne. O Grupo de Charolas "Oriental", de Santa Bárbara de Nexe, era formado com elementos da Sociedade Musical de Paderne, onde costumava ir por altura dos Reis, entrando a cantar nos cafés e nas casas comerciais e particulares. O professor António Rodrigues, que era presidente da Junta de Freguesia, apoiou logo a iniciativa e, no ano seguinte, juntaram-se outros grupos de *janeireiros*, sendo hoje, como refere o Jornal "A Avezinha", o Encontro de Janeiras de Paderne, já em 11ª edição, dos mais importantes.
- Em Lagoa, por iniciativa da Associação dos Amigos da Mexilhoeira da Carregação, decorreu no Cinema, em 9/1/97, o I Encontro de Cantares de Janeiras, em que, ao lado de grupos de *charoleiros* e de cantares vindos de Marim, Luz de Tavira, Bordeira, Santa Bárbara de Nexe e de Alte, actuaram cantores e cantadores das paróquias de Estômbar e de Ferragudo, do Parchal e de

Porches, o Coral da Associação de Amigos de Lagoa e o Rancho Folclórico do Calvário. O terceiro Encontro decorreu em Estômbar, o sexto no Parchal, o sétimo no Calvário e, desde 1995, na Mexilhoeira da Carregação.

Houve outros Encontros de Janeiras em Alcantarilha, Aljezur, Caldas de Monchique, Marmelete, Monchique, Portimão, Querença e S. Marcos da Serra. Como os mesmos grupos participam nos vários encontros, estes prolongam-se por Janeiro fora. Em 1997, no concelho de Lagoa, ocorreram nos dias 4 na Mexilhoeira da Carregação, 10 no Parchal, 11 em Estômbar e 18 na Quinta de S. Pedro. O último encontro terá sido a 25, em Marmelete.

De *Janeiras*, existem grupos em Alcantarilha (2), Aljezur, Calvário, Estômbar, Lagos, Marmelete, Monchique, Messines, Mexilhoeira da Carregação, Paderne, Parchal e Querença (este só de senhoras e só vocal).

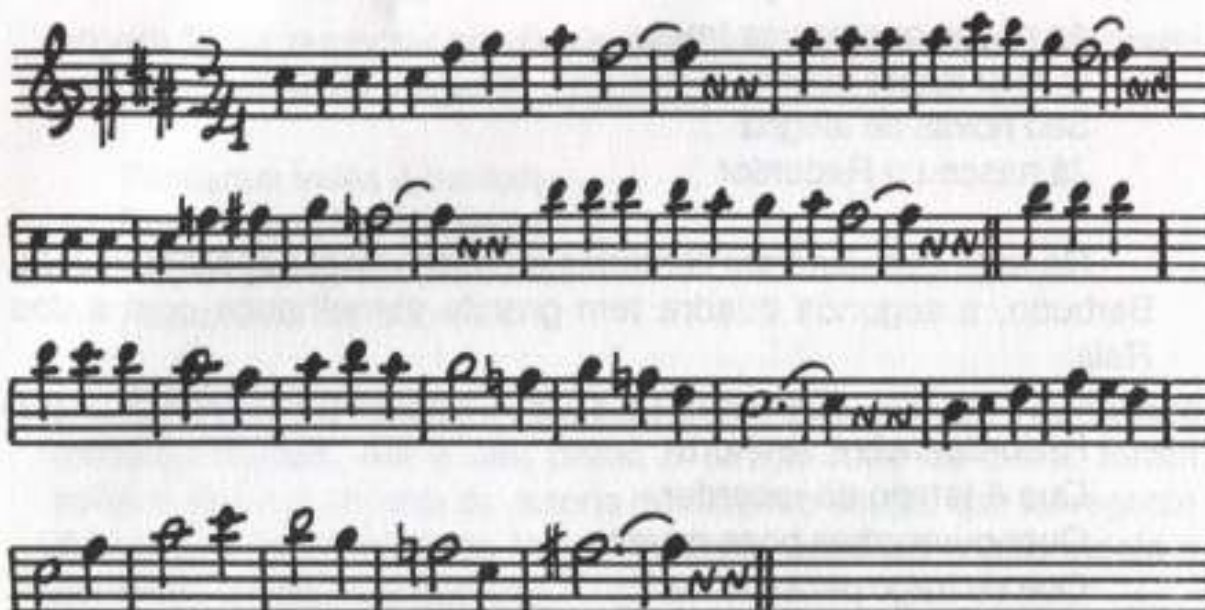
- (12) Esta letra é cantada principalmente com duas músicas ou estilos. No *estilo da Ti Elisa*, cuja melodia se encontra na pauta da página 3, o *principiador* canta os versos dois a dois, logo repetidos por todos os cantadores. Sem refrão, é o mais antigo, pois a Ti Elisa morreu há mais de cinquenta anos, já com mais de 80.

Um dia, a convite de Maria da Silva, também conhecida por Maria da Machada, apareceu em Bensafrim um numeroso grupo de *Janeireiros*, vindo de Portimão e trazendo diversos instrumentos musicais, que a todos encantou. Elvira Duarte decidiu seguir o grupo até fixar a música, hoje conhecida por *estilo da Estrela*.

Com esta melodia, registada na página seguinte — e tal como a primeira passada para a pauta pelo maestro Manuel Lucas — a *principiadora* canta cada quadra e o coro repete, até final, sempre o seguinte refrão:

Haja no Céu uma estrela
Já que na Terra não há amor,
Vinde adorar Deus Menino
Em louvor de Deus Senhor.

- (13) Maria João Alfarroba e outros elementos, alguns do Grupo Coral de Lagos, conhecidos como “Grupo dos Professores”, costumam cantar os *Reis* com uma letra trazida de Silves por Maria da Luz Albano, de 64 anos, em que a primeira quadra tem outra ordem:



Venho-lhe dar os Bons Reis
 Já que os Bons Anos não pude
 Venho ver estes senhores
 Como passam de saúde

O Grupo "Força da Tradição", de Paderne, inicia a sua "*Oração dos Reis*" com estes mesmos versos, com excepção do terceiro:

... Digam lá os meus senhores ...

Em qualquer deles, a referência é feita aos "Bons Anos" e não às "Boas Festas", o que parece mais correcto, já que os cantares anteriores deveriam ter sido cantados na véspera do dia de Ano Bom e não antes do Natal. Esta quadra mostra ainda que é normal os grupos de Janeiras e os de Reis serem diferentes, ou, pelo menos, não irem cantar os *Reis* às mesmas casas onde cantaram as *Janeiras*.

- (14) Uma variante destas duas quadras é cantada em Budens, tendo sido recolhida por Filomena Cintra:

Ainda agora aqui cheguei
 Já me venho a perguntar
 Se estão bons de saúde
 Dão licença de eu cantar

As novas que eu vos trago
Ó meu ilustre senhor
São novas de alegria
Já nasceu o Redentor

Na letra das *Janeiras* cantadas em Bensafrim por Manuel João Barbudo, a segunda quadra tem grande semelhança com a dos *Reis*:

Recordai nobre senhora
Que é tempo de recordar
Quer ouvir umas boas novas
Que eu trago para vos dar?

- (15) Esta referência aos treze dias após o nascimento do Menino não consta de quaisquer *Reis* cantados hoje pelos vários Grupos de Cantares de Janeiras. Apenas em J. Fernandes Mascarenhas, no seu livro "As Festas do Natal, Ano Bom e Reis no Algarve" (Tavira, 1965 - pág. 19) encontramos a notícia de que "a par das charolas havia propriamente o cantar dos Reis, que parece também música alentejana, dolente e grave. Este cântico, a duas e três vozes, era lindo e hoje pode dizer-se que ninguém o canta. Como pelo Ano Bom os bailes continuavam e as festas repetiam-se. A letra desse cântico de Reis era a seguinte:

Chegados são do Oriente
Três Reis que vêm adorar
Com devoção singular
A Jesus onnipotente.

A jornada de um ano
Andaram em treze dias
Com favor da Mãe Soberana
E do Infante Rei Messias."

Em 1983, os padres Cunha (o.c.) escutaram em S. Brás de Alportel, a Custódia Graça Soares, de 61 anos, uma "herança" de seu tio Manuel Souzinha, "um dos grandes promotores das charolas no concelho de Olhão nas primeiras décadas do século XX", um poema que "está cheio de reminiscências apócrifas", cuja

origem "deve remontar aos finais do século XVII", no qual é indicado um outro tempo de viagem:

Passaram vales e montes
Buscando o Rei Messias;
Viagem de quatro semanas
Fizeram-na em oito dias.

- (16) J. Fernandes Mascarenha (o.c.) conta que, quando eram ainda meninos moços, ele e seu primo e amigo José da Silva, foram solistas de uma *charola* da autoria do maestro Braga, que foi regente da secular filarmónica de Moncarapacho, cantada nessa aldeia e contendo a seguinte quadra:

Uma estrela brilhava no céu
A cumprir as fatais profecias
Com seu brilho dizia ao Mundo
Já nasceu em Belém o Messias.

- (17) Estas três quadras devem ter sido introduzidas e cantadas apenas na freguesia de Bensafim, pois não aparecem em qualquer dos *Reis* cantados nos restantes pontos do Algarve.

O canto que os padres Cunha (o.c.) escutaram em S. Brás de Alportel, a Custódia Graça Soares, tem como coro:

Veio um anjo do céu à terra,
Como estrela luzidente;
Para guiar os três Magos
Que vinham do Oriente.

e como quarta quadra:

Guiados por uma estrela,
Que o anjo levava na mão,
Chegaram a Belém,
Ficaram na escuridão.

Nas *Cantigas de Reis* recolhidas no Parchal junto das pessoas mais idosas e incluídas no reportório do Grupo ADR "Milho-Rei", da Quinta de S. Pedro, encontramos a seguinte estrofe:

Lá das bandas do Oriente
Os três Reis Magos partiram
Guiados por uma estrela
Que ao longe no deserto viram.

O *Cântico dos Reis*, uma segunda letra cantada por Ilda Valente e suas vizinhas, no Parchal, há mais de 30 anos e que hoje é interpretada pelo Grupo de Cantares de Janeiras do Parchal, começa precisamente com a seguinte quadra:

Do lado do sol nascente
Três cavaleiros andavam
Guiados por uma estrela
Para Belém caminhavam.

Ana Maria Valente conta que sua mãe e as outras senhoras do Parchal costumavam cantar as *Janeiras* e os *Reis*, começando a ensaiar uns dois meses antes. Faziam empreita, à volta da lareira e cantavam. Na época, estes cantares eram acompanhados apenas com o som de um garfo de ferro batendo no gargalo de uma garrafa. Só mais tarde surgiram os ferrinhos e hoje cada grupo tem 10 a 15 elementos, utilizando acordeão, violas, bandolins, reco-recos e ferrinhos.

O Grupo de Cantares Fonte Nova, de Estômbar, canta uns *Reis* trazidos de Alvor por Isabel Costa Morais (60 anos), que incluem:

A estrela matutina
Foi o seu guia e caminho
E foram dar a Belém
Adorar o Deus Menino

Foram os Reis Magos seguindo
A Estrela do Oriente
E com presentes confessam
A Glória de Deus nascente.

- (18) Ataíde de Oliveira incluiu no seu "Romanceiro e Cancioneiro do Algarve - a Lição de Loulé", em 1905, e mais tarde nas Monografias de S. Bartolomeu de Messines, em 1909, e de Estoi, em 1914,

umas *Cantigas de Reis* tradicionais do Algarve, que começavam com a seguinte estrofe:

Quem são os tres cavalleiros,
Que fazem sombrá no mar?
— São os reis do Oriente
Que a Christo veem adorar.

J. Fernandes Mascarenhas registou em 1965 (o.c.) a seguinte variante:

Quem são os três cavaleiros
Que fazem sombra no mar?
São os três reis do Oriente
Gaspar, Belchior e Baltazar!

e transcreve também, de uns versos ditados por Francisco Estêvão Costa, em 1959, a seguinte versão:

Qual são os três cavalheiros
Que fazem sombra no mar?
Rei *Balchor* e Rei Gaspar.
E também Rei Baltazar.

O Dr. Pe. Afonso Cunha e o Pe. J. Cunha Duarte (o.c.) recolheram em Cachopo, em 1990, esta outra, como primeira quadra de um *Canto de Reis* que, como referem, "deve ser o mais popular no Barrocal e na zona *serrenha* do Sotavento":

Quem são os três cavalhêros
Que fazem, e que fazem sombra no mari?
São os três [reis] d'Orientes
E que bom, e que bom Jasus vão buscari.

O já referido "*Veio um anjo do céu à terra*", que os dois investigadores incluíram no mesmo trabalho, tem como segunda estrofe:

Quais são os três cavaleiros
Que fazem sombra no mar?

São os três Reis do Oriente:
Rei Gaspar, Belchior, Baltazar.

Em 1995, Angelina Pereira e Teresa Colaço, alunas do 3º ano de Estudos Portugueses da Universidade do Algarve, obtiveram de Fernando Francisco Vicente, de 58 anos, natural de Pão Duro, freguesia de Vaqueiros, uma outra interpretação, com sentir mais popular:

Cá vão nos três cavalheiros
que fazem sombra no mar
Sã n'os três reis d'Oriente
que Jasus vêm buscar.

Esta quadra pertence por certo a uma das versões dos *Reis* mais tradicionais do Algarve, pois aparece, como se viu, na maioria dos cânticos recolhidos e, também, no reportório de boa parte dos actuais Grupos de Cantares de Janeiras. Temo-la logo no início da "Cantiga dos Reis", do A.D.R. "Milho Doce", da Quinta de S. Pedro (Mexilhoeira da Carregação) e como segunda estrofe da "Oração dos Reis", recolhida por Almerinda Martins (59 anos) e Maria Feliciano Coelho (63 anos) e cantada pelo Grupo de Cantares "Força da Tradição", de Paderne.

- (19) Conta a Bíblia que, chegados a Belém, os três Reis foram primeiro cumprimentar Herodes, dizer-lhe a que vinham e canta o povo, conforme revela Ataíde Oliveira, no "Romanceiro e Cancioneiro do Algarve", que:

Aquell'Herodes malvado,
Como perverso e daninho,
mandou ensinar aos reis
A's avessas o caminho.

Então, foram guiados até junto do Menino por uma estrela. Na versão recolhida por Ataíde Oliveira e na cantada pelo grupo "Milho Rei":

Os tres reis eram tres santos,
Uma estrella os guiava,

Sobre la casa caida
A mesma estrella parava.

Na do Grupo de Cantares do Parchal:

Os três Reis como eram sábios
O caminho não erraram
Guiados por uma estrela
Para Belém caminharam.

- (20) É ligeiramente diferente a quadra que o Grupo "Força da Tradição" inclui na sua *oração*:

A cabana era pequena
Não cabiam todos três
Adoravam o Menino
Cada um por sua vez

No canto de Custódio Graça Soares, recolhido pelos padres Cunha (o.c.), a diferença também é mínima:

A cabana era pequena,
Não cabiam lá os três
Adoraram o Menino
Cada um por sua vez.

- (21) Estas três quadras também não aparecem nos restantes cantares dos Reis. Os mais antigos referem-se ou aos presentes que os Magos levaram ao Menino, ou, como no *Romanceiro* de Ataíde Oliveira, que os Reis Magos:

Encontraram-no em Belem
Revestido no altar,
Missa nova quer dizer
Missa nova quer cantar!
Um menino tão pequeno
Todo o mundo quer salvar!

- (22) Terminada a *oração*, os versos propriamente dedicados aos *Reis*, são cantadas as *chacotas*, três ou quatro quadras geralmente

elogiosas à dona de casa, com que é feito o *peditório*. Quando está a cantar de gosto, ou porque os donos da casa merecem, ou porque tem espectadores e quer fazer um brilharrete, o grupo de Bensafrim canta ainda mais estas:

Toda esta noite eu aí ando
Com os pés pela geada
A barriga vem vazia
E o saco não traz nada

Quando eu vinha ali em baixo
Dei um tope numa cortiça
Eu disse aos meus camaradas
Que aqui dão um pão e uma chouriça

Senhora dona da casa
Raminho de salsa crua
Aos pés da sua cama
Nasce o sol e põe-se a lua

Senhora dona da casa
Raminho de laranjeira
Ainda está cá neste mundo
Já no céu tem a cadeira

Senhora que está deitada
Nesses lençóis de panino
Mande-nos dar a esmola
Em louvor de Deus Menino

Ainda lhe canto mais uma
Em louvor de São Alberto
Venha-nos dar a esmola
Que o saco já está aberto.

Um grupo de trabalhadoras da Câmara Municipal de Lagos canta as seguintes *chacotas*:

Já que Deus me fez tão pobre
Saio esta noite a pedir

De casa de gente nobre
Sem esmola não hei-de ir

Ora dai, senhora dai
Que esta noite todos dão
Se não poder dar esmola
Também se aceita o perdão

- (23) As três quadras do *agradecimento* são praticamente iguais e seguem a mesma ordem do das *Janeiras* cantadas na mesma freguesia, pelo grupo de Manuel João Barbudo e que terminam assim:

... a Virgem fica convosco
aninhos nos vão guiando.

Três prendas para o Menino

Letra de Pedro Reis

Música tradicional recolhida em Lagos por Vitor Moreira

Arranjo de João Carmo e Manuel Lucas

Interpretação do Grupo de Janeiras da Sociedade Filarmónica

Lacobrigense 1º de Maio (1992/93)

1

Boa noite vos dê Deus,
pois só Ele a pode dar!
Para o Povo aqui presente,
os Reis nós vimos cantar!

2

Sairam do Oriente,
para o Menino adorar,
montados em seus camelos,
com prendas p'ra Lhe ofertar!

Refrão

Baltazar deu-Lhe uma prenda
e Gaspar também Lhe deu.
Belchior fez-Lhe um afago
e outra prenda ofereceu!
O Menino então deitado,
em silêncio lhes sorriu
e Sua Mãe a Seu lado,
logo O abrigou do frio!



3

Uma estrela lá no céu,
os Magos orientou
e abrindo-lhes caminho,
naquela gruta pousou.

4

São José buscava lenha
para o Menino aquecer
e os pastores, cheios de frio,
'stavam juntos para O ver!

Refrão

Baltazar deu-Lhe uma prenda
E Gaspar também Lhe deu

...

5

Herodes queria matar
o Menino que era Deus,
mas o Senhor não deixou,
gorando os intentos seus!

6

Chegou a hora Senhores,
da nossa esmola pedir!
Seja muito ou seja pouco,
de bom grado deve vir!

Refrão

Baltazar deu-Lhe uma prenda
e Gaspar também Lhe deu.
Belchior fez-Lhe um afago
e outra prenda ofereceu!
O Menino então deitado,
em silêncio lhes sorriu
e Sua Mãe a Seu lado,
logo O abrigou do frio!

7

Obrigado a todos vós,
p'la vossa boa vontade!
Deus vos dê por toda a vida,
saúde e felicidade!

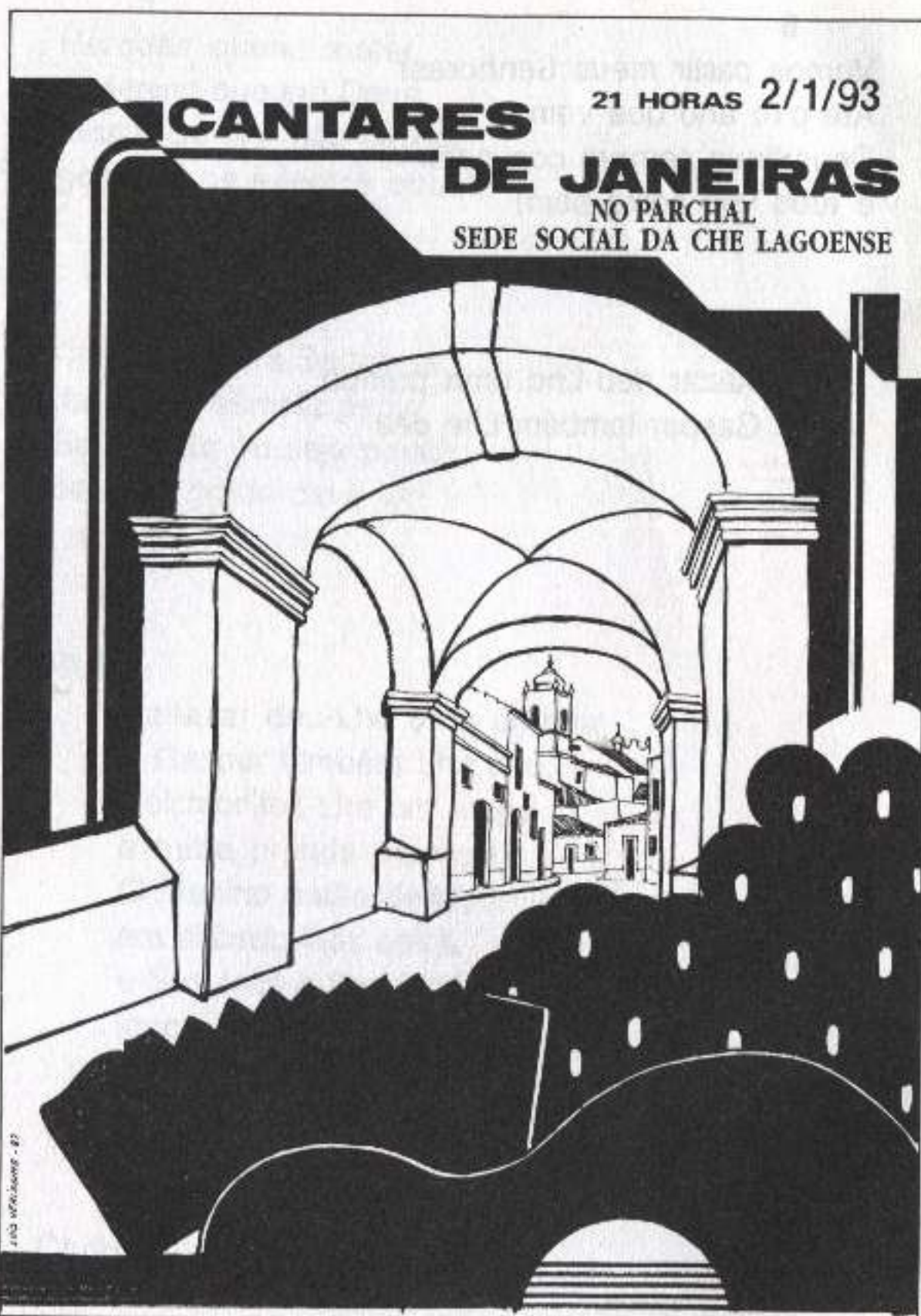
8

Vamos partir meus Senhores!
Até p'ro ano que vem.
Deus fique sempre convosco
e tudo vos corra bem!

Refrão

Baltazar deu-Lhe uma prenda
E Gaspar também Lhe deu

...



Patrocínio: CÂMARA MUNICIPAL DE LAGOA, JUNTA DE FREGUESIA DE ESTOMBAR, INSTITUTO DA JUVENTUDE,
REGIÃO DE TURISMO DO ALGARVE

Cartaz-tipo dos Encontros de "Cantares de Janeiras" organizados
pela Associação dos Amigos da Mexilhoeira da Carregação

Bibliografia

- Brito, António S. Lopes de, "Querença" (dactilografado), Agosto 1979
- Cerol, A. M. Cristiano, "Janeiras Tradicionais do Algarve (recolhidas no Pincho - Bensafrim)", GEA Grupo de Estudos Algarvios, Lagos 1994
- Cunha, Dr. Pe. Afonso e Duarte, Pe. J. Cunha, "Cantares Tradicionais do Natal", in "Algarve - Tradições Musicais, Faro 1995
- Martins, Pe. José Pedro de Jesus, "Natal Algarvio", GEA Grupo de Estudos Algarvios, Lagos 1977
- Mascarenhas, J. Fernandes, "As Festas do Natal, Ano Bom e Reis no Algarve (subsídios de etnografia e folclore)", Tavira 1965
- Oliveira, Francisco Xavier d'Athaíde, "Festas populares — Natal, Ano Bom, Reis", in "A Tradição", Serpa 1901
- Oliveira, Francisco Xavier d'Athaíde, "Romanceiro e Cancioneiro do Algarve", Typographia Universal, Porto 1905
- Oliveira, Francisco Xavier d'Athaíde, "Monografia de Estoi", Companhia Portuguesa Editora, Porto 1914
- Oliveira, Francisco Xavier d'Athaíde, "Monografia de S. Bartolomeu de Messines", Porto 1909
- Pinto, Maria Mendonça, "Santa Bárbara de Nexe - Estudo Monográfico", Santa Bárbara de Nexe, Loulé 1987
- Viana, Abel, "Para o Cancioneiro Popular Algarvio", separata da *Revista Portugal*, ed. Álvaro Pinto, Lisboa 1956

Do Autor:

- Algarve, guia turístico, 1969
- Mapa das Estradas do Algarve, 1970
- Algarve 73, roteiro turístico
- Portimão, a Freguesia, a Casa e o Homem, 1981
- Caricaturas de José Higinio Amado da Cunha, 1988
- Estrada do Biker, 1991
- Trabalhos de José Vieira Cabrita, 1992
- Natal Algarvio e a tradição em Lagos, 1992
- Estudos Gonçalves em Lagos, 1993
- Janeiras tradicionais do Algarve, 1994
- Homens do meu tempo de menino, 1994
- A Informação no Município de Lagos, 1995
- Estalactites-Estalagmites, 1996

Arranjo gráfico e capa: Cristiano Cerol

Impressão: Empresa Litográfica do Sul, SA
Vila Real de Santo António

Edição: GEA - Grupo de Estudos Algarvios,
com o apoio da Delegação Regional do Algarve
do Ministério da Cultura

Tiragem: 1.000 exemplares

Janeiro/1997

ISBN 972-8077-02-5

Depósito legal nº 107168/97

CDU - 398 (469.6)

© A. M. Cristiano Cerol

1. *Natal Algarvio*, Padre José Pedro de Jesus Martins, 1977
2. *Natal Algarvio e a tradição em Lagos*, A. M. Cristiano Cerol, 1992
3. *Janeiras tradicionais do Algarve (recolhidas no Pincho - Bensafrim)*,
A. M. Cristiano Cerol, 1994
4. *Cantares dos Reis*, A. M. Cristiano Cerol, 1997



GRUPO DE ESTUDOS ALGARVIOS